

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: Celebrar Abril não chega

Publicado em 2026-07-01 10:12:46



Fragmentos do Caos | Crónica Política e Económica

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

desindustrializar-se e depender de fundos, turismo e resignação

Portugal tornou-se especialista numa liturgia comovente: celebrar Abril como se a liberdade, por si só, pagasse rendas, criasse indústria, aumentasse produtividade, reformasse a justiça, limpasse a corrupção, fixasse jovens qualificados e construísse uma economia soberana. Todos os anos se repetem os discursos, os cravos, as cerimónias, as palavras grandes, os hinos à democracia e à liberdade. E todos os anos, depois da comoção institucional, o país regressa à mesma vida pequena: salários baixos, habitação impossível, serviços públicos exaustos, justiça lenta, produtividade anémica e uma classe política muito satisfeita consigo própria.

Abril foi uma conquista histórica. Convém dizê-lo sem hesitação. Derrubou censura, polícia política, guerra colonial, medo organizado e silêncio imposto. A liberdade não é detalhe. É fundamento. Mas um fundamento não é uma casa. Uma democracia que se limita a celebrar a sua origem sem cumprir o seu destino torna-se uma relíquia administrativa. Bonita no museu. Inútil quando chove dentro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dependente, produtivamente frágil, tecnologicamente insuficiente e politicamente capturado por máquinas partidárias que vivem da ocupação do Estado. A liberdade de votar é essencial; mas quando o voto alterna entre aparelhos que protegem clientelas, distribuem cargos, colonizam instituições e confundem poder com propriedade, a democracia perde substância. Fica o ritual. Desaparece a transformação.

Portugal não precisa de menos Abril. Precisa de mais consequência depois de Abril.

A liberdade conquistada e o país por cumprir

Há uma fraude moral no discurso político português: usar Abril como absolvição permanente. Como se a queda da ditadura bastasse para desculpar décadas de incapacidade estratégica. Como se o fim da censura apagasse a obrigação de construir uma economia moderna. Como se a liberdade política fosse um cheque em branco para a mediocridade governativa, a corrupção endémica, a justiça disfuncional e a ausência de visão industrial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

entre política, negócios, autarquias, empresas públicas, reguladores e grandes escritórios de influência. Criou liberdade de expressão, mas não criou responsabilização eficaz. Criou Estado social, mas deixou os serviços públicos envelhecerem sob o peso da má gestão, da burocracia e da ausência de reformas sérias.

A liberdade abriu a porta. Mas a classe política passou décadas a discutir quem ficava com a chave, quem nomeava o porteiro, quem adjudicava a manutenção e qual consultora faria o estudo sobre a porta. É uma civilização inteira transformada em procedimento.

A indústria herdada, a indústria perdida e a indústria que nunca veio

Não se deve romantizar o Estado Novo. O regime deixou censura, repressão, guerra colonial, atraso educativo, pobreza e uma sociedade fechada. Mas também é intelectualmente desonesto negar que, nas décadas finais do regime, Portugal tinha uma base industrial e grupos económicos com dimensão relevante. Estudos académicos sobre a economia portuguesa do final do Estado Novo

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

1970.

A democracia tinha uma tarefa histórica: democratizar essa base, modernizá-la, internacionalizá-la, limpá-la das suas estruturas oligárquicas e convertê-la numa economia aberta, tecnológica, produtiva e competitiva. Em vez disso, Portugal viveu nacionalizações sem estratégia suficiente, privatizações posteriores sem visão industrial robusta, destruição de capacidade produtiva, fragmentação empresarial e uma lenta substituição da política económica por fundos europeus, betão, turismo, serviços de baixo valor e consumo importado.

O Estado Novo tinha indústria protegida e oligárquica; a democracia poderia ter criado indústria aberta, moderna e exportadora. Mas preferiu demasiadas vezes a rotunda, o centro comercial, a auto-estrada, o programa comunitário, o gabinete de consultoria e o subsídio com logótipo. Um país inteiro transformado numa brochura de candidatura.

Portugal construiu estradas para circular, mas não construiu indústria suficiente para chegar a algum lado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

desperdiçada

Segundo a Comissão Europeia, Portugal recebeu cerca de 150 mil milhões de euros em fundos de coesão desde a adesão à então CEE. Esta soma não foi um detalhe orçamental. Foi uma oportunidade civilizacional. Era dinheiro suficiente para transformar o país: criar cadeias de valor, infra-estruturas produtivas, centros tecnológicos, capacidade industrial, energia competitiva, ciência aplicada, empresas exportadoras e uma administração pública moderna.

O país melhorou, evidentemente. Houve saneamento, estradas, escolas, hospitais, infra-estruturas, modernização administrativa, mobilidade europeia e progresso social. Seria absurdo negar isso. Mas a pergunta essencial permanece: depois de tanto dinheiro, onde está a economia forte, resiliente, industrial, tecnológica e soberana que Portugal devia ter construído?

Portugal recebeu fundos para se transformar, mas usou demasiado desse dinheiro para se decorar. Modernizou fachadas, asfaltou território, inaugurou equipamentos, alimentou autarquias, multiplicou projectos, financiou consultorias, criou dependências e chamou desenvolvimento a demasiadas obras sem capacidade

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O problema não foi apenas gastar em betão. O problema foi gastar sem uma estratégia nacional de soberania produtiva. Infra-estruturas são importantes. Mas infra-estruturas sem indústria, tecnologia, capital produtivo, empresas de escala e justiça eficiente tornam-se cenário. Portugal construiu palco. Esqueceu-se da peça.

A economia frágil que vive de serviços, turismo e espera

A economia portuguesa foi ficando dependente de sectores importantes, mas insuficientes para sustentar um país ambicioso: turismo, serviços de baixo valor acrescentado, imobiliário, consumo interno, pequenas empresas descapitalizadas e fundos europeus. O turismo trouxe receitas, emprego e visibilidade internacional. Mas uma economia não pode confundir hospitalidade com estratégia nacional.

Um país que vive demasiado de turismo aprende a servir o mundo, mas esquece-se de produzir para o mundo. Aprende a vender paisagem, clima, comida, simpatia e património urbano. Mas isso não substitui semicondutores, robótica, biotecnologia, inteligência artificial, engenharia avançada, defesa, aeroespacial,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O resultado é uma economia vulnerável: vulnerável a crises externas, choques de procura, inflação, juros, custo da habitação, sazonalidade, baixa produtividade e fuga de talento. Portugal tornou-se um país que forma jovens qualificados, paga a sua educação, exporta-os e depois celebra o sucesso deles no estrangeiro como se isso fosse triunfo nacional. Não é. É uma hemorragia com discurso motivacional.

A produtividade que os discursos não conseguem inventar

A OCDE continua a apontar problemas estruturais conhecidos: fraca produtividade, escassez de qualificações, envelhecimento, investimento insuficiente, empresas com dificuldade em ganhar escala e uma crise de habitação que afecta mobilidade e jovens. O FMI, em 2026, reconheceu o bom desempenho macroeconómico recente, mas sublinhou que os níveis de vida continuam bem abaixo da média da União Europeia e que os preços da habitação pesam fortemente sobre as famílias.

A Reuters, citando dados do Eurostat, assinalou que a produtividade por hora trabalhada em Portugal se situava em cerca de 80,5% da média da União Europeia, uma das

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

politicamente abandonadas a sermões.

A classe política gosta de dizer que os portugueses têm de trabalhar mais e ser mais produtivos. É uma frase útil para empurrar a culpa para baixo. Mas a produtividade não nasce do cansaço. Nasce de investimento, tecnologia, organização, gestão, escala, energia competitiva, justiça rápida, conhecimento aplicado, capital paciente e estratégia pública. Mandar trabalhar mais um povo já cansado é fácil. Construir condições para produzir mais valor é que dá trabalho. E trabalho verdadeiro assusta muito gabinete perfumado.

Portugal não tem falta de trabalhadores esforçados. Tem excesso de estruturas improdutivas.

A justiça que chega tarde e a corrupção que chega cedo

Portugal não é uma cleptocracia total, mas também não é uma república exemplar. A Transparency International atribuiu a Portugal 56 pontos em 100 no Índice de Percepção da Corrupção de 2025, colocando o país em

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O GRECO, organismo do Conselho da Europa, avisou em 2025 que Portugal devia acelerar reformas para prevenir a corrupção entre parlamentares, juízes e procuradores. O relatório indicava que Portugal tinha implementado satisfatoriamente apenas cinco das quinze recomendações feitas no âmbito da avaliação. Isto não é uma nota de rodapé. É um sintoma.

A justiça portuguesa é uma personagem trágica: tem toga, solenidade e vocabulário latino, mas demasiadas vezes não tem tempo útil. E justiça fora de tempo não é justiça; é arqueologia processual. O processo arrasta-se, a investigação prolonga-se, a prescrição aproxima-se, a memória pública cansa-se e a responsabilidade evapora-se. No fim, fica o cidadão comum a perceber que a lei parece ter velocidades diferentes: rápida para o pequeno, contemplativa para o poderoso.

Uma democracia onde a corrupção não tem consequência rápida deixa de ser apenas injusta. Torna-se economicamente tóxica. Afasta investimento sério, destrói confiança, protege incompetentes, encarece obras, distorce concursos, alimenta clientelas e ensina ao cidadão que cumprir é uma ingenuidade cara.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta democracia falhou também porque permitiu que os partidos se transformassem em máquinas de extracção. Extraem rendimentos através de impostos altos sobre o trabalho. Extraem energia cívica através de burocracia. Extraem confiança através de escândalos sem consequência. Extraem futuro através de políticas curtas. Extraem talento através da emigração. Extraem paciência através de serviços públicos degradados. E depois devolvem cerimónias, slogans, promessas e uma dose anual de Abril em discurso solene.

O PS e o PSD, com responsabilidades dominantes nas últimas décadas, construíram uma alternância que muitas vezes não alterna o essencial. Mudam equipas, ministros, rostos e slogans. Mas permanecem redes, nomeações, dependências, favores, cargos, institutos, assessorias, empresas públicas, autarquias-feudo e o velho hábito de tratar o Estado como extensão natural da máquina partidária.

O povo vota. A máquina adapta-se. O país espera. O futuro adia-se. A isto chamam maturidade democrática. Talvez seja. Mas vista cá de baixo parece mais uma aristocracia eleitoral com boletim de voto.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

escolas, segurança, integração europeia e qualidade de vida em várias dimensões. Mas há um terceiro mundo mental que persiste: dependência do favor, desprezo pelo mérito, burocracia sagrada, reverência pelo cargo, justiça lenta, pequena corrupção tolerada, medo da mudança, inveja do sucesso independente e culto do partido.

Esse terceiro mundo mental não se mede apenas no PIB. Mede-se na forma como se aceita o atraso como fatalidade. Mede-se na paciência com a incompetência. Mede-se na resignação perante serviços públicos que falham. Mede-se na incapacidade de exigir contas a quem governa. Mede-se na tendência nacional para transformar qualquer crítica profunda em incômodo, ingratidão ou extremismo.

Um país moderno não se define apenas por fibra óptica, auto-estradas, centros comerciais e aplicações digitais. Define-se pela capacidade de premiar competência, punir abuso, fazer justiça a tempo, produzir conhecimento, industrializar, inovar e permitir que o trabalho honesto construa uma vida digna.

Portugal recebeu Europa, recebeu fundos, recebeu paz, recebeu mercado único e recebeu liberdade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A juventude como exportação nacional

A democracia portuguesa criou liberdade para emigrar. Não criou futuro suficiente para ficar. Esta frase resume uma das maiores derrotas morais do regime democrático. Os jovens portugueses são descritos como a geração mais qualificada de sempre, mas são tratados como candidatos naturais à precariedade, à emigração ou à resignação.

Não conseguem comprar casa, não conseguem planear filhos, não conseguem construir estabilidade, não conseguem competir com rendas internacionais e salários nacionais. São chamados a salvar a Segurança Social, a natalidade, a produtividade e o futuro, mas recebem em troca contratos frágeis, carreiras bloqueadas, salários baixos, casas impossíveis e discursos sobre resiliência.

Portugal forma talento com dinheiro público, vê esse talento sair, e depois organiza programas para convencer os jovens a regressar. É uma obra-prima de incoerência nacional: primeiro empurra-se a juventude para fora, depois cria-se um logótipo para lamentar a fuga. A estupidez, quando bem financiada, também sabe usar design gráfico.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Celebrar Abril é justo. Mas celebrar Abril sem perguntar que país construímos depois é uma forma de piedade preguiçosa. A liberdade merece mais do que flores anuais. Merece resultados. Merece justiça. Merece produtividade. Merece educação exigente. Merece indústria. Merece tecnologia. Merece salários dignos. Merece habitação acessível. Merece instituições limpas. Merece uma política que não trate o povo como figurante num desfile comemorativo.

A classe política gosta de dizer que a democracia é jovem. Aos 52 anos, esta desculpa já começa a precisar de bengala. Meio século é tempo suficiente para aprender. Tempo suficiente para reformar. Tempo suficiente para criar uma estratégia industrial. Tempo suficiente para ligar ciência e empresas. Tempo suficiente para construir justiça eficiente. Tempo suficiente para não depender tanto de fundos europeus. Tempo suficiente para deixar de usar a pobreza como fatalidade e a mediocridade como tradição.

Portugal recebeu dinheiro para se transformar, mas usou demasiado desse dinheiro para se decorar. Recebeu liberdade para construir futuro, mas permitiu que o futuro fosse sequestrado por baixa produtividade, rentismo, turismo excessivo, serviços de baixo valor, justiça lenta,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

liberdade. Falhou por falta de exigência. Falhou porque confundiu liberdade com auto-satisfação. Confundiu eleições com democracia plena. Confundiu fundos europeus com estratégia. Confundiu obras públicas com desenvolvimento. Confundiu estabilidade com imobilismo. Confundiu partidos com país. Confundiu propaganda com visão. Confundiu crescimento estatístico com vida digna. Confundiu o povo com plateia.

A segunda libertação

Portugal precisa de uma segunda libertação. Não uma libertação contra a democracia, mas dentro da democracia. Uma libertação da mediocridade instalada, da captura partidária, da incompetência sem consequência, da justiça lenta, da dependência dos fundos, da economia de baixo valor, da resignação salarial e da falta de visão tecnológica.

Precisa de uma política industrial tecnológica séria. Precisa de ciência ligada a empresas. Precisa de energia competitiva. Precisa de soberania digital. Precisa de reindustrialização selectiva. Precisa de IA, robótica, semicondutores, defesa, aeroespacial, biotecnologia, mar, cibersegurança, software, electrónica e engenharia

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não precisa de mais discursos sobre modernização. Precisa de modernização. Não precisa de mais agendas. Precisa de execução. Não precisa de mais pactos. Precisa de coragem. Não precisa de mais observatórios. Precisa de resultados observáveis.

Porque a liberdade sem futuro económico torna-se frustração. A democracia sem mobilidade social torna-se ritual. O voto sem consequência torna-se cansaço. E um povo que ouve todos os anos que é livre, mas vive cada vez mais apertado, acaba por perceber que a gaiola mudou: já não tem censura na porta, tem renda, imposto, burocracia, salário baixo e uma fila de espera.

Abril libertou Portugal do medo político. Falta libertá-lo da mediocridade instalada. E essa segunda libertação talvez seja a mais difícil, porque os carcereiros agora não usam farda. Usam fato, crachá, cargo, gabinete, partido, parecer jurídico, contrato público e discurso comemorativo.

A liberdade foi conquistada. O país, esse, continua por cumprir.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ausência de liberdade política. Essa conquista pertence aos portugueses e permanece intocável.

Mas nenhuma democracia pode viver eternamente da celebração da sua origem. A liberdade não é um ponto de chegada; é um ponto de partida. Cinco décadas depois, a pergunta já não é apenas se somos livres para votar. A pergunta é se somos capazes de construir um país que ofereça aos seus cidadãos justiça eficaz, produtividade, indústria, inovação, salários dignos, habitação acessível e esperança no futuro.

Celebrar Abril sem exigir resultados é transformar a memória em álibi. A democracia não se honra apenas com cerimónias; honra-se com competência, responsabilidade e capacidade de melhorar a vida de quem trabalha, paga impostos e acredita no país.

Abril libertou Portugal do medo político. Falta libertá-lo da mediocridade instalada.

Essa continua a ser a tarefa que nenhuma cerimónia comemorativa pode substituir.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências

1. European Commission / DG REGIO, “In their 40s and still growing: cohesion in Spain and Portugal since accession”, 17 de Junho de 2026.

https://ec.europa.eu/regional_policy/whats-new/panorama/2026/06/17-06-2026-in-their-40s-and-still-growing-cohesion-in-spain-and-portugal-since-accession_en

2. OECD, “OECD Economic Surveys: Portugal 2026”, Janeiro de 2026.

https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-surveys-portugal-2026_025b3445-en.html

3. International Monetary Fund, “Portugal: Staff Concluding Statement of the 2026 Article IV Mission”, 6 de Maio de 2026.

<https://www.imf.org/en/news/articles/2026/05/06/mcs-05062026-portugal-staff-concluding-statement-of-the-2026-article-iv-mission>

4. International Monetary Fund, “Portugal: 2026 Article IV Consultation — Press Release; Staff Report; and Statement”, 23 de Junho de 2026.

<https://www.imf.org/en/publications/cr/issues/2026/06/23/portugal-2026-article-iv-consultation->

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

<https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20260325-1>

6. Reuters, “Portugal’s government to amend labour reform after general strike”, 17 de Dezembro de 2025.

<https://www.reuters.com/business/world-at-work/portugals-government-amend-labour-reform-after-general-strike-2025-12-17/>

7. Reuters, “Portugal government presses ahead with labour reform bill opposed by unions”, 14 de Maio de 2026.

<https://www.reuters.com/business/world-at-work/portugal-government-presses-ahead-with-labour-reform-bill-opposed-by-unions-2026-05-14/>

8. Transparency International, “Portugal — Corruption Perceptions Index 2025”.

<https://www.transparency.org/en/countries/portugal>

9. Council of Europe / GRECO, “Portugal should step up reforms to improve the prevention of corruption among parliamentarians, judges and prosecutors”, 30 de Julho de 2025.

<https://www.coe.int/en/web/greco/-/portugal-should-step-up-reforms-to-improve-the-prevention-of-corruption-among-parliamentarians-judges-and-prosecutors>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

11. Eric N. Baklanoff, “The Political Economy of Portugal’s Later Estado Novo”, Luso-Brazilian Review, 1992.

<https://www.jstor.org/stable/3513163>

12. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, “Economic Groups in Portugal during the Estado Novo”.

<https://www.ics.ulisboa.pt/en/projeto/grupos-empresariais-em-portugal-durante-o-estado-novo>

Muita festa, pouca fábrica. Abril libertou o país. A mediocridade ficou a governar.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)